

AMOR PLURAL: REFLETINDO SOBRE A CONJUGALIDADE NO POLIAMOR

Janaína B. Gonzalez Reis¹

PLURAL LOVE: REFLECTING ON CONJUGALITY IN THE POLYAMORY

Resumo: O presente artigo propõe uma reflexão sobre a vivência da conjugalidade nas relações poliâmoras. Com as modificações nas dinâmicas dos relacionamentos e inseridos no atual mundo globalizado que vivemos atualmente, faz-se necessário o conhecimento e o contato com as recentes demandas sociais no que se refere à compreensão e ao delineamento do poliamor. O poliamor surgiu como uma nova modalidade de relacionamento amoroso, uma alternativa específica da não monogamia. Trata-se de uma orientação de relacionamento na qual se acredita ser possível e aceitável amar muitas pessoas e manter múltiplos relacionamentos íntimos de forma consensual. As relações conjugais são construídas a partir de uma perspectiva de intimidade crescente, ou seja, caracteriza-se pela necessidade de criar um espaço conjunto por meio do qual os cônjuges possam viver com base em diálogos francos, ampliando seu conhecimento sobre si e sobre o(s) outro(s). A conjugalidade no poliamor tem algumas peculiaridades próprias desse arranjo conjugal ainda que apresente muitas semelhanças com características encontradas em relacionamentos monogâmicos. Ao pesquisar e nos aprofundar nessa pouco conhecida modalidade de relacionamento estaremos mais bem habilitados a trabalhar com questões que passaram a fazer parte do cenário dos relacionamentos atuais.

Palavras-chave: conjugalidade; poliamor; monogamia.

Abstract: This article proposes a reflection on the experience of conjugality in polyamorous relationships. With the changes in the dynamics of the relationships and inserted in the current globalized world that we live in today, it is necessary the knowledge and the contact with the recent social demands with regard to the understanding and the delineation of the polyamory. Polyamory emerged as a new mode of loving relationship, being a specific alternative to non-monogamy. It is a relationship orientation in which it is believed to be possible and acceptable to love many people and to maintain multiple intimate relationships in a consensual way. Conjugal relationships are constructed from a perspective of increasing intimacy, what is characterized by the need to create a joint space through which the spouses can live from frank dialogues, expanding their knowledge about themselves. Conjugality in the Polyamory has some peculiarities of this conjugal arrangement although it presents many similarities with characteristics found in monogamous relationships. I believe, therefore, that as we search and deepen in this still little known mode of relationship we will be able to work with issues that have become part of the current relationship scenario

Keywords: conjugality; polyamory; monogamy.

¹ Mestre em Psicologia Clínica pela PUC/SP. Especialista em Sexualidade Humana pela FMUSP e em Terapia Cognitivo Comportamental pela FMUSP. Email: contato@janainareispsicologa.com

Introdução

Com as modificações nas dinâmicas dos relacionamentos e inseridos no atual mundo globalizado que vivemos atualmente, faz-se necessário o conhecimento e o contato com as novas demandas sociais no que se refere à compreensão e ao delineamento do poliamor.

O poliamor surgiu na década de 1990 como uma nova modalidade de relacionamento amoroso, uma representação paradigmática do amor contemporâneo. Sem ligação com uma identidade sexual particular (KLESSE, 2006). Ritchie et al. (2006) apontam o poliamor como uma “narrativa sexual emergente” (p. 584) que confronta a mononormatividade associada à heteronormatividade vigente.

De acordo com Barker (2005, p. 76), a maioria das definições correntes “incluem a noção de que é possível manter múltiplas relações amorosas e desejável ser-se aberto e honesto dentro destas relações” e se essas não forem pensadas, necessariamente, em termos de relacionamentos sexuais (KLESSE, 2006; BARKER, 2005; ANAPOL, 1997).

Para Barker (2005), o discurso do poliamor surge tanto como diferente quanto como ameaçador para a monogamia e poderia ser visto como parte da transformação mais ampla de intimidade e as relações na sociedade pós-moderna, como proposto por Giddens (1992). No entanto, também é relativamente uma nova “história sexual” (PLUMMER, 1995) que está tentando estabelecer-se em um clima social ainda hostil a transgressões de binários sexuais e de gênero e que se valem das “regras” da monogamia.

Os arranjos poliamorosos incluem as pessoas que têm um ou dois parceiros “primários” (relacionamento já existente, estável) e outros “secundários” (que se somam a um relacionamento já existente anteriormente), tríades ou trisal (em que três pessoas estão envolvidas), e quartetos ou quatrilha (por exemplo, dois casais encontram-se envolvidos). Algumas pessoas poliamorosas vivem juntos em famílias ou tribos, alguns têm “polifidelidade” dentro de seu grupo e outros são “abertos”.

Alguns autores têm sugerido que o poliamor pode ser uma forma amplamente feminista de conduzir relacionamentos, afinal capacita as mulheres a se afastar do regime opressivo da monogamia heterossexual obri-

gatória (ROBINSON, 1997; JACKSON et al., 2004).

Poliamor

A cultura ocidental, na qual estamos inseridos, chegou ao Brasil como o modelo europeu no período colonial. Com base em princípios tradicionalmente cristãos, passou a ditar a normatização das uniões afetivas arraigando a monogamia como norma padrão. Assim, por muito tempo, a sexualidade, bem como as relações amorosas e afetivas, foram controladas por seguimentos religiosos e políticos, que impunham as regras a serem seguidas por homens e mulheres (EMMERICK, 2010).

Atualmente, em defesa da família monogâmica e tradicional, o “padrão social” de relacionamento mais aceito socialmente é o monogâmico heterossexual. Percebe-se no cotidiano conjugal e familiar, porém, que a não monogamia consensual (e novos arranjos familiares) vêm atraindo progressivamente mais adeptos, como é o caso do poliamor que tem na sua essência algumas características semelhantes às da monogamia como a premissa do compromisso, da honestidade, da lealdade, da sinceridade e da propagada importância do amor como pilar emocional.

O que é poliamor?

Poliamor (do grego **πολύ** – poli, que significa muitos ou vários, e do latim amore, significando amor) é a prática, o desejo ou a aceitação de ter mais de um relacionamento íntimo simultaneamente com o conhecimento e consentimento de todos os envolvidos.

O poliamor deve ser encarado como uma escolha, como assim também é a monogamia. Escolha essa que traria talvez muitos outros desafios por estarmos inseridos em uma sociedade monogâmica. Não é, portanto, uma solução para um mau casamento ou uma boa opção na resolução de problemas relacionais já existentes (LINS, 2005).

Relacionamentos na perspectiva do poliamor

Os adeptos do formato de relacionamento e filosofia poliamor são chamados poliamoristas ou poliamorosos e buscam construir acordos no relacionamento de forma que não haja traição e mentira, partindo do ponto da

sinceridade em dizer ao parceiro (a) que está gostando ou tem interesse em uma terceira pessoa e que gostaria de abrir o relacionamento para inseri-la, caso haja concordância de ambas as partes.

É, portanto, uma nova perspectiva de relacionamento, já que o poliamor é um diferente formato de arranjo conjugal não se confundindo com outros modelos então existentes. Assim, é fundamental distinguir o conceito de poliamor daquilo que conhecemos como poligamia (poliginia e poliandria) e também de famílias paralelas.

○ que é o amor? como descrevê-lo?

O significado do termo amor pode variar de pessoa para pessoa, de acordo com sua experiência, cultura e valores. Na língua portuguesa, o significado de “amor” é um sentimento que predispõe alguém a desejar o bem de outrem, um sentimento de dedicação absoluta de um ser a outro, ou a uma coisa, inclinação ditada por laços de família, inclinação sexual forte por outra pessoa, afeição, amizade, simpatia e objeto de amor (FERREIRA, 2004).

Assim, utiliza-se neste artigo a concepção de o amor como um sentimento que se caracteriza de maneiras distintas, segundo as vivências e experiências individuais e que orienta os relacionamentos humanos, permitindo a formação de vínculos e laços afetivos.

○ amor no poliamor

O amor emerge nas narrativas poliamorosas como uma condição fundamental, já que uma relação apenas é poliamorosa caso tenha em sua base um envolvimento emocional profundo. É comum no discurso dos adeptos que a relação monogâmica está mais associada ao sentimento de posse do que de fato ao amor (PILÃO, 2013).

Para Klesse (2011), as características que sintetizam o amor poliamorista são: não ser exclusivo e limitado; ser baseado em liberdade, honestidade, comprometimento, dedicação, trabalho, cuidado com o outro e altruísmo. Alguns autores afirmam que as fronteiras entre amizade e conjugalidade são permeáveis nos discursos e na vivência poliamorosa (KLESSE, 2006; BARKER, 2005; ROTHBLUM, 1999).

A questão não reside no fato de os monogâmicos não se envolverem sexualmente e/

ou afetivamente com duas (ou mais pessoas) ao mesmo tempo, mas sim de que em algum momento, frequentemente por questões sociais, eles se veem compelidos a escolher entre elas.

Ademais, considera-se que o poliamor também é uma escolha pela libertação das regras da sociedade monogâmica vigente, e sua força opressora apoia-se na condução das relações conjugais.

Questões que permeiam a conjugalidade no poliamor

Assumir um relacionamento amoroso envolve a revisão de crenças, valores e heranças familiares, conforme sugere Cerveny (2010). Dessa maneira, compreende-se que a construção da conjugalidade é um processo gradual, que envolve dois indivíduos, e uma relação, que se constitui por meio da interação dos dois cônjuges, mas com características que vão muito além do contexto individual.

Para a existência de uma relação de conjugalidade, o amor é estabelecido por meio da “confiança” entre os parceiros. Dessa forma, Silva (2005) revela que a “confiança” é um dos requisitos fundamentais para a realização do amor. Sem ela, não há possibilidade de relacionamento institucionalizado. As pessoas vivem com o desejo quase indissolúvel da fidelidade como uma instância única de realização do amor romântico. A certeza de que o eleito é “único” e “eterno” é muito forte nesta perspectiva.

A relação conjugal constituída tem, portanto, uma dinâmica própria, com demandas e necessidades específicas e, para ser viabilizada, precisa de um projeto que seja construído e investido conjuntamente pelos parceiros. Esse processo envolve uma redefinição das identidades e dos projetos individuais, além de uma construção de referências e projetos compartilhados, o que requer, também, uma diferenciação dos padrões trazidos das famílias de origem. Assim, ao engrenar em uma relação a dois, cada parceiro passa a experimentar a reconstrução de sua individualidade, criando assim um modelo comum e também a identidade conjugal (FÉRES-CARNEIRO, 1998).

De acordo com Zerbini (2015),

Ao analisarmos a conjugalidade, inúmeras serão as possibilidades de contratos amorosos e dentro destes, infin-

dáveis matizes que cada indivíduo construirá com os conceitos de fidelidade x infidelidade assim como com os conceitos de lealdade e deslealdade. A infidelidade poderá ser considerada como a quebra de um contrato em que havia a promessa de exclusividade afetiva e/ou sexual e a lealdade seria o compromisso em ser honesto e prezar pela sinceridade com o parceiro. (p. 407)

DST – doença sexualmente transmissível

Uma questão que surge na relação poliamorosa é se a mesma é fator maior ou menor de risco de contrair uma doença sexualmente transmissível (DST).

O comportamento não monogâmico consensual também não é necessariamente um comportamento sexual de alto risco. O estudo orientado por Wietzman (2007) sugeriu que os indivíduos que são poliamorosos não são mais susceptíveis de serem diagnosticados com doenças sexualmente transmissíveis do que outros na população em geral. Além disso, estudos recentes descobriram que indivíduos não monogâmicos consensuais, em comparação com aqueles que tiveram relações sexuais fora do relacionamento monogâmico, são mais propensos a se envolver em práticas sexuais mais seguras e são menos propensos a usar preservativos incorretamente (CONLEY et al., 2012a; CONLEY et al., 2013; CONLEY et al., 2012b).

Preconceito

As pessoas que se envolvem em relacionamentos não convencionais são altamente estigmatizadas na sociedade ocidental (CONLEY et al., 2013; GRUNT-MEJER et al., 2016; MOORS et al., 2013).

Pessoas em relacionamentos poliamorosos frequentemente lidam com questões comuns a todos os estilos de relacionamento, mas eles também podem enfrentar a marginalização, discriminação, desaprovação de membros da família, a falta de cuidados de saúde mental eficaz ou proteção legal (WEITZMAN et al., 2009).

Intimidade

Se a intimidade é entendida como necessariamente privada e vinculada às implicações

e trocas afetivas e materiais fundamentais para a reprodução da vida, então compromisso é entendido como dedicar todo o (ou quase todo) ser para gerar intimidade e parentesco dentro da relação privada de longo prazo. Fundada sobre a “noção de que a intimidade depende e é intensificada por manter outros” a distância, a “relação normativa constrói compromisso como envolvimento completo, compromisso privado de si ao outro” (JAMIESON, 2005, p. 191).

De modo geral, o significado de compromisso gira em torno do que é ofertado de si mesmo a outro, tanto moral como material, responsabilidade que tem em sua essência genuína a confiança e o desejo de se envolver em trocas de cuidados com o outro. Amarrado à monogamia e relação de normatividade, um relacionamento “comprometido” é aquele em que assuntos necessariamente “privilegia a sua relação de casal acima de todos os outros” (JAMIESON, 2005, p. 200) e, como tal, evita desenvolver conexões interpessoais intimamente com alguém fora do casal. Isso acontece porque as relações normativas são constituídas como necessariamente ameaçadas pela existência de intimidade fora.

Poliamor poderia ser visto como parte da transformação mais ampla de intimidade e as relações na sociedade pós-moderna, como proposto por Giddens (1992). Parece ser uma extensão do movimento geral para relacionamentos amorosos, sendo baseado na igualdade em termos de escolha, desejo, confiança e compatibilidade em vez de tradição ou arranjo. No entanto, também é relativamente nova a “história sexual” (PLUMMER, 1995) que está tentando estabelecer-se em um clima social que ainda é hostil às transgressões de binários sexuais e de gênero e que adota as “regras” da monogamia.

Família

Essas novas configurações familiares geram dúvida e polêmica, uma vez que a sociedade, apesar de globalizada, ainda carrega um padrão heteronormativo de funcionamento, influenciando em demasia a aceitação e a compreensão dos novos modelos familiares.

O que diferencia a família dos demais grupos sociais é que os indivíduos que a compõem estão ligados por laços de afeição e lealdade, assim, de acordo com Macedo (1994),

o que caracteriza a família são as relações de afeto e compromisso e a durabilidade de sua permanência como membro. Deste modo, a família pode ser definida como um grupo de indivíduos vinculados por uma ligação emocional profunda e por um sentimento de pertença ao grupo. Essa definição é flexível o suficiente para incluir as diferentes configurações e composições de famílias presentes na sociedade atual (WRIGHT, 1990), mas talvez não tão abrangente para abarcar todas as possibilidades de arranjos familiares que vêm se formando.

O poliamor, enquanto movimento, está aos poucos ganhando espaço e colaborando para redefinir a família de diversas maneiras. Apesar de forte oposição à norma social de monogamia diáde, poliamorosos muitas vezes escolhem outras formas de amor e de constituir família que fuja da regra da família tradicional monogâmica, porém não deixam de apresentar em sua base: amor, apoio, união e cuidados.

Lealdade e fidelidade

Segundo Anton (2016):

Infidelidade, por sua vez, implica descompromisso ou descumprimento de acordos, sejam estes oficiais ou meramente tácitos. Pode ser interpretada como engano, corrupção, traição de confiança, deslealdade. Diz respeito às mais diferentes áreas de vinculação, desde as de ordem material e prática até aquelas que envolvam afeto, crenças e outros valores impalpáveis e incomensuráveis.

Fiéis, por exemplo, são os casais que se unem para se protegerem mutuamente e zelarem por sua prole. Infiéis podem estar sendo os que permanecem juntos, em nome de um amor e de uma dedicação que, na prática, não existem. [...] Fiéis, por sua vez, são aqueles que seguem investindo em seu próprio desenvolvimento, ao mesmo tempo em que favorecem o desenvolvimento dos seus, sem prejudicar as demais pessoas. (p. 212)

Fiéis ao compromisso que estabeleceram e à verdade (ou sinceridade) com seus parceiros e fiéis ao contrato conjugal também àqueles que vivenciam seus relacionamentos dentro das “normas” da polifidelidade.

De acordo com Anton (2016):

Franqueza e lealdade são de fundamental importância na vida a dois. Poderíamos usar a expressão “jogo aberto”. Poder confiar no parceiro é uma riqueza de valor ímpar. Isso não significa que ambos se restrinjam a amar e/ou a se relacionar sexualmente apenas entre si. Casamento aberto ou formas não tradicionais de parceria são perfeitamente viáveis e, diga-se de passagem, nenhum vínculo, por mais fechado e exclusivo que seja, está isento de conflitos e de frustrações. Inadmissível é enganar, é adotar padrões de comportamento que denunciem uma dupla moral. (p. 247)

Ciúmes x compersão

Para os poliamorosos, a infidelidade e o ciúme possessivo não fazem parte da relação, já que suas essências são: transparência, sinceridade e liberdade de sentimentos.

Assim, não há espaço para tais cobranças, já que os envolvidos unem-se com consciência e plena concordância no modelo de relacionamento.

A partir dessa premissa, depara-se com outro termo particular aos adeptos de relacionamentos livres e muito utilizado pelos poliamorosos: a compersão. Compersão é o sentimento de alegria ou de felicidade de uma pessoa ao ver seu parceiro amoroso feliz com outra pessoa

Idealmente, o outro amante iria melhorar o seu parceiro e gerar mais amor e prazer para todos. Nesse contexto, o ciúme e a possessividade seriam desnecessários. No sentido mais geral, a compersão é uma forma de altruísmo em que se quer o melhor para a pessoa amada (WOLFE, 2003).

Considerações finais

Este trabalho apresentou uma revisão bibliográfica sobre aspectos vivenciados na conjugalidade em relações poliamorosas. Para tal, foram apresentados conceitos referentes a esse novo arranjo conjugal que vem progressivamente despertando o interesse da sociedade.

O poliamor está ganhando notoriedade, conjugando amor e sexo em relações múltiplas, com suas peculiaridades, tais como: liberdade,

igualdade, honestidade e consenso, que são conceitos fundamentais para estabelecer uma relação poliamorosa em sua plenitude.

A vivência da sexualidade vem passando por mudanças, assim como a compreensão do amor e a forma de viver relações conjugais nas diversas possibilidades de arranjos. Nesse sentido é possível pensar que atualmente os laços de conjugalidade ocorrem em um momento de diferenciação das relações amorosas. Apesar da mudança significativa nas relações afetivo-amorosas, questões referentes a conjugalidade geralmente são interpretadas sob o viés de relações tradicionais e monogâmicas mesmo quando consideram-se as relações poliamorosas.

A conjugalidade no poliamor apresenta algumas peculiaridades próprias desse arranjo conjugal, ainda que apresente muitas semelhanças com características encontradas em relacionamentos monogâmicos.

Doravante, faz-se necessário novas pesquisas que possam acrescentar mais conhecimento ao tema ainda pouco explorado e principalmente desmistificá-lo em relação a inúmeros pontos, assim como se mostra importante a criação de programas informativos para familiares de poliamorosos e psicólogos interessados em trabalhar essa temática.

Referências

ANAPOL, D. *Poliromory: the new love without limits*. São Rafael: IntiNet Resource Center, 1997.

ANTON, I. L. C. *O casal diante do espelho: psicoterapia de casal, teoria e técnica*. 1 ed. São Paulo: Casapsi Livraria, Editora e Gráfica Ltda., 2016.

BARKER, M. This is my partner, and this is my partner's partner: constructing a polyamorous identity in a monogamous world. *Journal of Constructivist Psychology*, v. 18, p. 75-88, 2005.

CERVENY, C. M de O.; BERTHOUD, C. M. E. *Visitando a família ao longo do ciclo vital*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

CONLEY, T. D.; MOORS, A. C.; MATSICK, J. L.; ZIEGLER, A. The fewer the merrier?: assessing stigma surrounding consensually non-mono-

gamous romantic relationships. *Analyses of Social Issues and Public Policy*, vol.13, n. 1, p. 1-30, 2013.

CONLEY, T. D.; MOORS, A. C.; ZIEGLER, A.; KARATHANASIS, C. Unfaithful individuals are less likely to practice safer sex than openly nonmonogamous individuals. *Journal of Sexual Medicine*, vol.9, p. 1559-1565, 2012a.

CONLEY, T. D.; MOORS, A. C.; ZIEGLER, A.; MATSICK, J. L.; RUBIN, J. Condom efficacy and skill among sexually unfaithful and consensually non-monogamous individuals. *Sex Health*, 2012b.

EMMERICK, R. As relações igreja/estado no direito constitucional brasileiro: um esboço para pensar o lugar das religiões no espaço público na contemporaneidade. *Revista Latinoamericana. Sexualidad, Salud y Sociedad*. n. 5., 2010.

FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicol. Reflex. Crit.*, v. 11, n. 2, p. 379-394, 1998.

FERREIRA, A. B. H. *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

GIDDENS, A. *The Transformation of Intimacy*. Cambridge: Polity Press, 1992.

GRUNT-MEJER, K.; CAMPBELL, C. Around consensual nonmonogamies: assessing attitudes toward nonexclusive relationships. *Journal of Sex Research*, v. 53, n. 1, p. 45-53, 2016.

JACKSON, S.; SCOTT, S. The personal is still political: heterosexuality, feminism and monogamy. *Feminism and Psychology*, v. 14, n. 1, p. 151-157, 2004.

JAMIESON, L. Boundaries of Intimacy. In: McKie, L.; Cunningham-Burley, S. *Families in society: boundaries and relationships*. Bristol: The Policy Press, 2005. p. 189-206.

KLESSE, C. Notions of love in polyamory: elements in a discourse on multiple loving. *Laboratorium*, 3, p. 4-25, 2011.

KLESSE, C. Polyamory and its "others": contesting the terms of non-monogamy. *Sexualities*, v. 9, n. 5, p. 565-583, 2006.

LINS, R. N. *A cama na varanda: arejando nossas idéias a respeito de amor e sexo*. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2005.

MACEDO, R. M. S. A família do ponto de vista psicológico: lugar seguro para crescer? *CADERNOS de Pesquisa*, n. 91, p. 62-68, 1994.

MOORS, A. C.; MATSICK, J. L.; ZIEGLER, A.; RUBIN, J.; CONLEY, T. D. Stigma toward individuals engaged in consensual non-monogamy: robust and worthy of additional research. *Analyses of Social Issues and Public Policy*, v. 13, n. 1, p. 52-69, 2013.

PILÃO, A. C. Reflexões sócio-antropológicas sobre poliamor e amor romântico. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 12, n. 35, p. 505-524, 2013.

PLUMMER, K. *Telling sexual stories: power, change and social worlds*. London: Routledge, 1995.

RITCHIE, A., BARKER, M. "There aren't words for what we do or how we feel so we have to make them up": constructing polyamorous languages in a culture of compulsory monogamy. *Sexualities*, v. 9, n. 5, p. 584-601, 2006.

ROBINSON, V. My baby just cares for me: feminism, heterosexuality and non-monogamy. *Journal of Gender Studies*, v. 6, n. 2, p. 143-157, 1997.

ROTHBLUM, E. Poly-Friendships, In: MUNSON, M.; STELBOUM, J. (Ed.) *The Lesbian Polyamory Reader*, Londres: Harrington Park Press, 1999. p. 71-84.

SILVA, V. V. A. Pra que rimar amor e dor: um estudo sobre as formas contemporâneas de representação e expressão do sofrimento amoroso. In: III Jornada Internacional de Representações Sociais, João Pessoa, 2005. p. 3931-3940.

WEITZMAN, G.; DAVIDSON, J.; PHILLIPS, R. A. *What psychology professionals should know about polyamory*. Baltimore: National Coal-

ition for Sexual Freedom, 2009.

WEITZMAN, G. Counseling bisexuals in polyamorous relationships. In: Firestein, B. A. (Ed.). *Becoming visible: Counseling bisexuals across the lifespan*. Nova York: Columbia University Press, 2007. p. 312-335

WRIGHT, L. M.; WATSON, W. L.; BELL, J. M. The family nursing unit: a unique integration of research, education and clinical practice. In: Bell, J. M.; Watson, W. L.; Wright, L. M. (Ed.). *The cutting edge of family nursing*. Calgary: Family Nursing Unit Publications, 1990.

WOLFE, L. Jealousy and transformation in polyamorous relationships. Tese (doutorado – no prelo). San Francisco: *Institute for Advanced Study of Human Sexuality*, 2003.

ZERBINI, M. I. S; CERVENY, C. M. O. Sites de infidelidade e a intimidade desejada por seus usuários. In: Macedo, R. M. S. *Expandindo horizontes da terapia familiar*. 1 ed. Curitiba: CRV, 2015.